

## Machado de Assis na escola pública: a perspectiva do aluno e a do professor

### Machado de Assis in the public school: the student's and the teacher's perspective

Izandra Alves<sup>1</sup>  
Ariadine Faria Leme<sup>2</sup>

#### Resumo

Este texto visa a apresentação de dados e reflexões sobre o olhar do aluno e a perspectiva do professor acerca da utilização de leituras de textos clássicos em sala de aula, em especial os de Machado de Assis. Os dados levantados para o trabalho são fruto de uma pesquisa acadêmica e foram recolhidos por meio de um questionário *on-line* com a participação de 12 alunos e 12 professores de escola pública. Os participantes vivenciam experiências nas seguintes etapas de ensino: anos finais do Ensino Fundamental e três anos do Ensino Médio. As teorias utilizadas para discutir os dados da pesquisa vêm, em grande parte, dos estudiosos Magda Soares, que aborda a escolarização da literatura, e Antonio Candido, que defende a democratização da literatura. Essas teorias são cruzadas com os dados obtidos pelas respostas aos questionários e promovem uma reflexão acerca da utilização dos clássicos no ambiente escolar. Como resultados percebe-se que há interesse de professores e alunos no estudo de clássicos, contudo, a mediação é necessária para que o interesse pelo texto seja mantido e a compreensão alcançada.

**Palavras-chave:** Leitura. Literatura. Clássicos. Escolarização.

#### Abstract

This term paper aims to present data and reflections about students' view and teachers' perspective about using Brazilian classic writers in class, especially the texts of the writer Machado de Assis. The data collected for this work are the result of academic research and were collected through an online questionnaire with participation of 12 students and 12 public school teachers. Participants had experience in the following education levels: final years of primary education, and the three years of high school. The main theoreticians used to discuss the findings are Magda Soares, which debates literature teaching in schools, and Antonio Candido, a defender of literature democratization. Their theories are interweaved with the questionnaires' answer to promote a reflection about the use of classic texts in school. As a result, it can be seen that there is an interest of teachers and students in the study of classics, however, mediation is necessary so that interest in the text is maintained and understanding achieved

**Keywords:** Reading. Literature. Classics. Schooling.

---

1 Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês do IFRS – *Campus* Feliz. E-mail: [izandra.alves@feliz.ifrs.edu.br](mailto:izandra.alves@feliz.ifrs.edu.br); Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6063-3753>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2162221571302635>.

2 Egressa do Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês do IFRS – *Campus* Feliz. Professora da área de Linguagens da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. E-mail: [ariadine.fleme@gmail.com](mailto:ariadine.fleme@gmail.com). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8990634626241877>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1840-1534>.

## 1 Introdução

A palavra, em sua forma artística, desde sempre é a responsável por criar universos mágicos e envolventes que seduzem os leitores. Somos sabedores de que algumas são mais atraentes do que outras e de que encantam, fascinam e magnetizam quem as lê, através dos séculos. Estas são as que fazem parte dos textos chamados de clássicos ou canônicos. É sobre o uso dos textos de um dos autores mais clássicos da literatura brasileira que este trabalho se debruça.

Contudo, não basta saber que um ou outro texto é clássico, que deve ser conhecido, lido e estudado se estas recomendações são apenas meras indicações. É preciso, sim, manter contato com obras e autores a fim de que se percebam quais elementos constituem os textos e seus estilos e contribuem para que sejam classificados como elementos clássicos da literatura. Somos sabedores de que a grande maioria do povo brasileiro não tem acesso a livros ou a produtos culturais considerados clássicos. Assim, é na escola que se cria uma das únicas oportunidades que esse grupo tem para acessá-los.

Dessa forma, esse trabalho tem por objetivo geral discutir, a partir de um levantamento de dados realizado com um grupo de estudantes e professores de escolas públicas, se os textos clássicos, principalmente os de Machado de Assis, estão (e como estão) presentes na escola. Como objetivos específicos, elencamos alguns posicionamentos teóricos acerca da importância da leitura na escola para a formação de leitores e para o processo de humanização a partir da literatura. Além disso, destacamos a percepção dos estudantes acerca dos textos machadianos em suas aulas e, também, o modo como se dá o trabalho dos professores com os escritos do referido autor em seu dia a dia na escola.

A fim de atingirmos tais objetivos, trazemos depoimentos de dois grupos diferentes acerca da utilização de obras de Machado de Assis, um dos maiores clássicos da literatura brasileira, na escola. As duas perspectivas sobre o mesmo tema são de professores de Língua Portuguesa e Literatura que lecionam em escolas da rede pública municipal, estadual – em Farroupilha/RS - e federal – em Feliz/RS - e de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino, bem como alunos do Ensino Médio das redes públicas estadual e federal, dos mesmos

municípios já mencionados. Os resultados que aqui discutimos dizem respeito a depoimentos de 24 participantes, sendo 12 professores e 12 alunos. Os dados foram obtidos por meio da realização de pesquisa qualitativa, usando como instrumento um questionário *on-line* por meio do qual questionamos os alunos indagando se já haviam tido algum contato com os clássicos machadianos e qual havia sido a experiência obtida através desse contato. Em relação aos professores, foi questionado sobre a utilização das obras de Machado de Assis em suas aulas, perguntando quais foram as propostas utilizadas, as dificuldades enfrentadas e os resultados obtidos. A fim de manter o sigilo sobre os participantes das pesquisas, no lugar de seus nomes, utilizamos títulos de contos de Machado de Assis para identificar cada um dos participantes. Como o trabalho aborda a utilização dos clássicos e obras do autor, acreditamos que essa seja uma forma interessante para dar destaque a alguns desses textos.

Assim, a primeira parte do trabalho discorre sobre as teorias que envolvem a leitura enquanto atividade que contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes de suas realidades tendo por base, principalmente, os preceitos da BNCC (2018), documento norteador do ensino brasileiro, e a teoria da leitura como experiência, do espanhol Jorge Larrosa (2011). Apresentamos, ainda, a literatura como um direito, fazendo a defesa da democratização da literatura como passo para a humanização da sociedade, conforme os escritos de Antonio Candido (2017). Apresentamos também os escritos de Magda Soares (2006), destacando as importantes contribuições críticas que faz acerca da escolarização da literatura como um importante processo de acesso aos textos. Escritos de Michèle Petit (2013) e Rildo Cosson (2018) também estabelecem diálogos pertinentes com nossa pesquisa, pois discutem elementos sobre o ensino da leitura e sobre os jovens leitores na escola.

A segunda parte do trabalho cruza as informações coletadas de estudantes e professores com as teorias que mencionamos na primeira parte. Discorreremos sobre os depoimentos dos jovens leitores sobre como obtiveram contato com os textos machadianos e quais foram suas percepções acerca deles. Em relação ao relato dos professores, destacamos de suas falas o modo como percebem a atividade com os textos clássicos, suas dificuldades e opiniões sobre esse processo.

## 2 O direito à leitura e à literatura

Ao pensarmos em leitura, uma das primeiras ideias que vêm à mente é a da decifração, do simples ato de passar os olhos por aqueles símbolos e conseguir decodificá-los. Mas a leitura é muito mais do que um mero reconhecimento de símbolos, é o entendimento da linguagem, da palavra falada e escrita. É a troca que acontece entre o sujeito leitor, o autor e o texto, em diálogo com a sociedade em que estão inseridos.

Nesse sentido, abarcamos aqui dois conceitos distintos sobre o que seria a leitura. A primeira acepção que expomos é a do documento que é usado como referência na elaboração dos currículos escolares de instituições públicas e privadas, a Base Nacional Comum Curricular. Este manual traz a definição de que a

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BRASIL, 2018, p. 72)

Sendo assim, a leitura está em tudo que fazemos; inserida, muitas vezes, sem percebermos, no nosso dia a dia. É desta forma que notamos o importante papel que a escola apresenta em nossa vida, pois é nesse espaço que nos são mostrados os diferentes tipos de leituras. É na escola que somos apresentados a um mundo de possibilidades de leitura e onde esse conceito começa a ser trabalhado de forma mais concreta.

A outra acepção que aqui queremos discutir é sobre o que diz o pesquisador espanhol Jorge Larrosa (2011) e sua teoria da leitura enquanto experiência de sentido. O autor afirma que a leitura é uma experiência vivenciada de diversas maneiras por aquele que a pratica, ou seja, trata-se de

Uma experiência de linguagem, uma experiência de pensamento, e também uma experiência sensível, emocional, uma experiência em que está em jogo nossa sensibilidade, isso que chamamos "sentimentos". Poderíamos dizer assim: Quando leio a Kafka [...] o importante, desde o ponto de vista da experiência, não é nem o que Kafka disse, nem o que eu possa dizer sobre Kafka, mas o modo como em relação as palavras de Kafka posso formar ou transformar minhas próprias palavras. (LARROSA, 2011, p. 10)

Sendo assim, no entendimento que Larrosa tem de leitura, o que realmente importa não é o que o escritor quis dizer com o que foi escrito, ou o que ele pensa acerca do que foi lido, mas sim de que forma essa leitura ajuda o leitor a transformar o seu pensamento, a transformar a própria sensibilidade; trata-se de pensar acerca do que fica em cada um (e como cada um se encontra) após o texto lido. Ao refletir sobre a experiência que a leitura proporciona, é necessário pensar, também, em quem são os que realmente têm acesso a essa experiência literária. É sabido que no meio escolar, nem todos os alunos possuem as mesmas condições de acesso aos materiais ou, até mesmo, à própria escola. Logo, faz-se necessária a reflexão acerca de quem são os leitores que acessam os textos literários de forma ampla, completa, vivenciando as verdadeiras experiências com o texto.

Antônio Candido (2011) trata dessa questão afirmando que todos têm direito à literatura, mas nem todos têm acesso a ela. Isso fica evidente quando o teórico aborda o fato de já não ser mais possível pensar que existem pobres porque esta é a vontade de Deus, ou que as pessoas passam fome porque não têm vontade de trabalhar, algo em que se pensava há um tempo atrás. Hoje já se sabe que esse tipo de situação existe independente da crença das pessoas ou da vontade de trabalhar e prosperar, mas sim porque a distribuição de renda é extremamente desigual. De que maneira uma pessoa que muitas vezes sequer tem o que comer no dia, vai pensar em ler uma poesia ou um conto? Dizer que essas pessoas menos abastadas não leem porque não querem é ignorar completamente a realidade em que vivem.

Assim, ter o direito à leitura significa, antes de mais nada, concebê-la como um bem incompressível, para usar as palavras de Candido (2011). De nada adianta defendermos a bandeira de uma sociedade leitora se não oferecemos possibilidades de acesso aos bens culturais que vão desde os versinhos populares ditos nas rodas de conversa entre trabalhadores até as apresentações de orquestras em grandes eventos. É preciso acostumar a população a ouvir, ver, sentir e ler diferentes textos, nos mais variados contextos. Quando as pessoas se sentirem valorizadas em suas culturas, manifestarão interesse pela cultura do outro e, assim, ao perceberem que o acesso lhes é assegurado/permitido, realizar leitura literária será algo leve, não forçado e (trans)formador.

## 2.1 A relevância da leitura na escola e a formação do aluno leitor

Quando se fala sobre leitura e literatura na escola, a primeira ideia que vem à mente são as tão temidas leituras obrigatórias, isto é, aquelas que já fazem parte do currículo escolar e que já são pré-determinadas para os alunos. Além disso, lembra-se, também, das leituras voltadas para o vestibular, por exemplo. Contudo, o que ainda está afastado do ambiente escolar são os interesses e as escolhas dos adolescentes. Tratam-se daqueles textos/leituras que motivam, que aproximam autor, texto e leitor, possibilitando, por vezes, até a suspensão de suas atuais condições e estados para vivenciarem outras vidas e momentos. Infelizmente, na maioria das vezes, essa leitura acaba sendo rechaçada do âmbito escolar em detrimento de uma literatura escolarizada, como demonstram as pesquisas de Magda Soares (2006).

Não é possível pensar em leitura e literatura e, automaticamente, não pensar em escola; esses três elementos estão ligados e isso já é um fato. Mas como transformar um aluno em leitor sem dar a devida atenção aos seus gostos? É nesse sentido que Soares (2006) aborda o modo como ocorre esse encontro, que ela chama de escolarização da literatura, ou a sua pedagogização.

Não há como ter escola sem ter escolarização de conhecimentos, saberes, artes: o surgimento da escola está indissociavelmente ligado à constituição de “saberes escolares”, que se corporificam e se formalizam em currículos, matérias e disciplinas, programas, metodologias, tudo isso exigido pela invenção, responsável pela criação da escola, de um espaço de ensino e de um tempo de aprendizagem. (SOARES, 2006, p. 20)

Soares não se diz contra a escolarização da literatura, pois ela mesma afirma que se tratando de um espaço escolar isso acaba sendo indissociável; mas o que ela questiona é a forma como essa escolarização é conduzida.

Assim, ao longo desse processo de escolarizar a literatura, os textos literários acabam sendo utilizados de uma forma ineficiente, por assim dizer. Os livros didáticos trazem fragmentos de textos e de poemas sem nem, na maioria das vezes, mencionar o contexto dos textos ali utilizados. Em sua grande maioria, esses fragmentos são utilizados com a intenção de trabalhar a gramática, o sentido de palavras e, raramente, o texto literário em si. Dessa forma, a não exploração e a não

contextualização da palavra literária faz com que tais textos percam o sentido para aqueles que o leem, tal como explora Soares (2006):

Ao lado do acesso ao livro na biblioteca escolar, ao lado da leitura de livros promovida em aulas de Português, a literatura se apresenta na escola sob a forma de fragmentos que devem ser lidos, compreendidos, interpretados. Certamente é nessa instância que a escolarização da literatura é mais intensa; e é também nessa instância que ela tem sido mais inadequada. (SOARES, 2006, p. 25)

A fim de compreender melhor este processo que a pesquisadora aponta, é justo que discutamos aqui o difícil papel que possuem os profissionais das Letras na escola. Sabemos que os professores de Português e Literatura têm uma carga horária cada vez mais reduzida em virtude da ampliação de disciplinas técnicas, voltadas à profissionalização, mesmo assim, são cobrados tanto da escola quanto das famílias acerca do trabalho com a gramática (além de que se é exigido que o professor “ensine” uma escrita perfeita – como se fosse possível alguém escrever bem se não se lê bons textos!). Assim, a leitura de textos literários quase não acontece e, quando ocorre, é fragmentada e direcionada aos aspectos informativos da história da literatura ou com intuito de cobrança gramatical. Dessa forma, na grande maioria das vezes, o professor que propõe ações de leitura literária desprovida de uma cobrança não é bem visto, pois está “matando aula” e “não dá conteúdo”.

Para que possamos contribuir na formação de um aluno leitor, esse trabalho deve começar cedo, ainda nas séries iniciais do ensino fundamental. O que vemos, hoje, são inúmeros exemplos de ações nas escolas, tais como a hora do conto ou, ainda, as que permitem aos alunos que, em um dia determinado da semana, visitem a biblioteca e escolham um livro. Infelizmente, o que ocorre em muitos casos é que esse espaço e tempo dedicados à leitura são usados para pedagogizar, ou seja, os textos escolhidos pelo mediador são usados com um fim específico de trazer à baila uma moral, um ensinamento que o professor julga ser importante para seus alunos naquele momento. Da mesma forma, quando o aluno vai à biblioteca, deve escolher os livros que foram pré-estabelecidos/selecionados pelo professor ou bibliotecário.

A transformação do aluno em leitor vai acontecendo, gradativamente, quando esse aluno recebe o espaço necessário para que seus desejos sejam atendidos, ou seja, quando ele pode

realmente escolher o livro que lhe agradou, que lhe encantou. Para isso, ele precisa chegar nesse espaço de leitura, quer seja a biblioteca da escola, biblioteca pública da cidade ou até mesmo nos livros que são guardados em casa, e poder abri-los e olhar seu prefácio, suas páginas, folheá-lo e se decidir por esse ou aquele exemplar.

O ato de ler não pode ter função puramente pedagógica, pois não é apenas no âmbito escolar que a leitura desempenha seu papel na formação do aluno. A leitura muitas vezes tem seu papel atrelado a uma válvula de escape, como menciona Michele Petit (2013)

O primeiro aspecto que eu gostaria de evocar, porque talvez seja a base de todo o resto, é que a leitura pode ser, em qualquer idade, um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo, privado. Como dizem os leitores: a leitura permite elaborar um espaço próprio, é um “quarto para si mesmo”, para falar como Virgínia Woolf, inclusive em contextos onde nenhum espaço parece ter sobrado. (PETIT, 2013, p. 41)

Como se pode perceber, a literatura tem um poder transformador e fundamental na vida dos leitores, pois é por meio dela que muitos ousam sonhar com possibilidades que diferem de sua realidade. Assim, a escola tem um importante papel nessa contribuição, pois, nos casos em que a família não pode oferecer o contato com o texto literário, é a escola quem deve oportunizar o encontro.

Diante disso, torna-se necessário trazer para a discussão o modo como estão ocorrendo as práticas leitoras do texto literário na escola. Para tal, conceitos importantes devem fazer parte do estudo dos professores mediadores. Trata-se do letramento literário que analisa as práticas sociais que envolvem a escrita literária e o modo de compreensão do texto pelo leitor, como explica Rildo Cosson (2010):

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2010, p. 30)

Como já mencionado anteriormente, a escola de certa forma acaba tornando a literatura escolarizada, utilizando-a para fins pedagógicos e não para seu fim específico, que é a fruição, o deleite, a reflexão e a transformação de quem a lê. Contudo, não afirmamos que a prática da escolarização seja errada, de forma nenhuma. Tal como Cosson (2010), reafirmamos que é a escola quem nos oferece artifícios para uma melhor articulação da linguagem e compreensão dos textos. Por isso, a mediação é extremamente importante; não como uma forma de policiar e/ou tolher a liberdade leitora individual, mas sim, como um meio de dar condições aos jovens leitores de explorar os textos de forma ampla, dinâmica e aproveitar o máximo de cada experiência com as leituras.

Sabemos, então, o quanto essa prática é necessária e urgente, mas talvez não esteja sendo feita da melhor forma. Magda Soares (2006) aborda tal questão e denuncia que, em muitas situações, o texto literário é usado como pretexto para a utilização de ensino de gramática. Um exemplo disso é quando a autora fala de um trecho de um texto chamado “O Pasteleiro”, de Ana Flora, que foi utilizado em um livro didático com a finalidade de encontrar sílabas terminadas em “s”.

É desnecessário apontar a inadequação do uso de poemas para identificar substantivos comuns ou para encontrar palavras com determinado tipo de sílaba; a poesia é aqui pretexto para exercícios de gramática e ortografia, perde-se inteiramente a interação lúdica, rítmica com os poemas, que poderia levar as crianças à percepção do poético e ao gosto pela poesia. (SOARES, 2006, p. 27)

Um texto literário deve ser lido, sentido, compreendido e interpretado por seu leitor, mas a utilização dele ou até mesmo trechos dele com outra finalidade acaba por fazer com que esse texto perca seu sentido. Muitas vezes, nos livros didáticos, são utilizados fragmentos de textos literários que pelo fato de não terem início, meio e fim tornam-se desprovidos de sentido para quem os lê. E, dessa forma, esse aluno vai juntando todos esses fragmentos sem sentido e acaba por desgostar da literatura, principalmente quando os livros didáticos já trazem uma resposta pronta quando existe alguma questão mais subjetiva sobre o texto ali utilizado.

Ler um texto literário e compreendê-lo vai muito além da pergunta “O que o autor quis dizer com esse texto?”. Ora, essa pergunta é muito inoportuna, pois não há possibilidade de alguém saber o que se passou na mente do autor ao escrever isso ou aquilo. Da mesma forma, cada leitor que leu certa obra em um dado momento, compreende esse determinado texto de formas diferentes,

sendo ainda que tais compreensões estão relacionadas com leituras anteriores e com suas vivências. Por essa razão é que perguntas que surgem dessa forma em livros didáticos não podem ter uma única resposta.

Sendo assim, é necessário que se leve em conta tudo aquilo que o leitor de certa obra carregava consigo antes mesmo de iniciar a leitura, pois ela só fará sentido para esse leitor quando ele puder estabelecer relações com as suas vivências, com aquilo que ele já conhece. Cabe, então, reforçar os dizeres da BNCC, que menciona

O tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão, tais como as apresentadas a seguir. [...] estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças. Localizar/recuperar informação. Inferir ou deduzir informações implícitas. (BRASIL, 2018, p. 74)

Segundo o que a própria BNCC aborda sobre leitura, é possível perceber as diferenças entre o que deve ser proposto acerca do tema – para auxiliar na formação do leitor –, e o que os livros didáticos já nos trazem prontos. Ou seja, é uma missão bem complicada a que o professor carrega de auxiliar esse aluno quando os livros didáticos trazem exatamente o contrário do que é proposto pela BNCC. Digo isso tendo em vista os fragmentos de textos, muitas vezes sem início ou fim, utilizados como exemplos nas explicações de conteúdo.

É preciso ver a leitura de textos literários não somente como mera leitura, mas entender o impacto que essa palavra em forma de arte pode causar em quem lê, pois

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando (BRASIL, 2018, p. 499).

Desse modo, é preciso também desassociar a leitura de obras literárias para fins puramente pedagógicos e entender que essa leitura pode e deve ser feita como algo para o mais puro prazer de quem lê. Contudo, essa satisfação produzida pelo texto amplia também a necessidade de ação, pois o texto desestabiliza, desacomoda e faz sair da zona de conforto. Assim, o texto em contato com o leitor perspicaz e atento exige uma (trans)formação. Acreditamos que, ao adotarmos a

postura de ver a leitura como prática transformadora, sejamos capazes de, enquanto escola, a desvincularmos de uma atividade que visa apenas a localização/identificação de informações em textos a fim de responder a questionamentos feitos nos livros didáticos para vinculá-la a uma ideia de processo, de construção de identidades e de subjetividades.

### 3 Machado de Assis e a escola: um diálogo possível?

Quando pensamos em leitura de clássicos, logo associamos essa leitura a uma linguagem mais rebuscada, bem diferente da linguagem a que estamos acostumados a utilizar em nosso dia a dia. Até certo ponto isso está correto, mas de modo algum deve ser um impeditivo para que essas obras sejam apresentadas aos alunos.

A leitura dos clássicos pode e deve ser apresentada no ambiente escolar, pois é justamente nesse ambiente que o leitor terá um mediador que o auxilie no adentramento a esse tipo de leitura, que sim, precisa ser mediada já que o fator linguagem muitas vezes é utilizado como barreira para o uso dessas obras. É o que confirmam os escritos de Alves, Oliveira e Maldaner (2021, p. 146) quando destacam que “cada leitor traz sua experiência para o momento da leitura e atualiza o que lê, de acordo com sua bagagem interior, os mediadores são, inegavelmente, muito importantes nesse processo de atualização.”

Torna-se necessário pontuar, também, que muitas vezes é apenas nesse espaço – a escola – que os alunos têm acesso a esse tipo de leitura. O que acaba confrontando o que defende Antônio Candido (2017) quando sustenta que a literatura é um direito tão necessário quanto os direitos básicos de todo ser humano, saúde, educação e moradia. Justamente por saber dessa realidade em nossa sociedade, é que se torna extremamente necessário que haja esse diálogo entre obras literárias consideradas clássicas e o ambiente escolar.

#### 4.1 Por que trabalhar os clássicos na escola?

Quando, por algum motivo (que sabemos serem muitos em um país de desigualdades como o Brasil), a família não consegue ser a primeira mediadora da leitura para os pequenos, então, cabe

à escola este papel. É, portanto, no espaço escolar que deve acontecer o encontro entre livros e leitores, com textos de diferentes gêneros e autores que vão dos clássicos aos marginais e à cultura popular. Sendo assim, é na escola que os jovens leitores se encontram com a possibilidade de verem-se através das histórias.

A escola é quem, portanto, faz a ponte entre a leitura e o aluno. A partir disso, se é por intermédio dela que muitos dos alunos acabam conhecendo diversas obras, que talvez em outro contexto não conheceriam, qual seria o motivo, então, dos clássicos estarem tão distantes do universo dos jovens leitores? Por que há tanta aversão de professores e estudantes em trabalhar com textos canonizados? Cabe, neste contexto, definir o que é, realmente, considerado um clássico. O pesquisador Ítalo Calvino (1996), ao definir o termo, diz que: “13. É clássico aquilo que tende a relegar a atualidade à situação de rumor de fundo sem, no entanto, extinguir esse rumor. 14. É clássico aquilo que persiste como rumor de fundo exatamente onde a atualidade que está mais distante reina soberana.” (CALVINO, 1996, p. 15)

Assim, se o professor pode mediar essa aproximação entre o que foi escrito muito tempo atrás e a vida do leitor de hoje, eis o clássico fazendo sentido na escola. Não há por que afastá-lo dos leitores de hoje é, sim, necessário mediar o encontro. Infelizmente, muitos negam aos estudantes este direito que, segundo Antônio Candido (2017), tem um poder humanizador, visto que o contato com tais leituras é um

processo que confirma no homem aqueles traços que consideramos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (p. 179).

O grau de humanidade que a literatura confere ao leitor é, então, um motivo a mais, senão o mais importante, para que a escola reafirme seu compromisso com a leitura. Contudo, é necessário não somente comprometer-se com práticas leitoras tidas como fáceis e compreensíveis, mas com toda e qualquer leitura que seja do interesse dos estudantes e que ele tenha o direito de conhecer, independente da sua condição social e/ou intelectual.

Diante deste dilema, Ítalo Calvino (1993) faz um certo deboche dizendo que “A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos” (p. 16). Então, não há desculpas aceitáveis para que esses textos não sejam disponibilizados e/ou apresentados aos estudantes de todos os tempos.

#### 4.1.1 O que dizem os jovens leitores

Em relação ao questionário elaborado para os alunos que participaram da pesquisa que aqui discutimos, a primeira pergunta diz respeito ao lugar onde o aluno estudava: se na rede municipal, rede estadual ou federal; na sequência, em qual ano se encontrava. Dos alunos participantes, 4 eram da rede pública municipal dos anos finais do Ensino Fundamental, já os outros 8 alunos eram de algum dos anos do Ensino Médio, sendo 4 deles da rede pública estadual e 4 da rede pública federal.

Dos doze estudantes que participaram da pesquisa que realizamos, 4 deles disseram que não têm o hábito/não gostam de ler. Dos 8 participantes que afirmaram gostar ou ter o hábito de ler, apenas 2 deles afirmaram que não estavam lendo nenhuma obra quando responderam ao questionário. Em contraponto a isso, 8 alunos afirmaram já terem lido alguma das obras de Machado de Assis, não necessariamente em aula. Quando questionados se gostaram do texto, ou se tiveram alguma dificuldade na leitura da obra e como a conheceram, apenas um dos alunos que disse ter gostado da leitura informou que conheceu a obra de Machado de Assis através de sua mãe. Todos os outros afirmaram que conheceram as obras pelas professoras de literatura. Essa informação reforça o que afirmamos anteriormente, isto é, para muitos estudantes, é a escola a única ponte de acesso para a leitura literária e, por isso, é de extrema importância o modo e a frequência com que se apresentam os textos aos estudantes.

Curiosamente, os que responderam que não conheciam ou que não haviam lido nenhuma obra do autor em questão, quando perguntados se gostariam de conhecer alguma de suas obras, responderam que sim, que têm curiosidade e que gostariam de conhecer. Ou seja, as respostas desses alunos reiteram o que defendemos: a necessidade de literaturizar a escola preenchendo os espaços escolares com leitura literária, sem pedagogizações e/ou cobranças. Defendemos a

disponibilização e a mediação de diferentes leituras, de modo que os estudantes possam descobrir seus gostos literários sem nunca excluir nem os clássicos e nem os marginais. Se é a escola quem, na maioria das vezes, apresenta os textos clássicos aos leitores, que esse encontro seja leve, que flua sem pressões e que possibilite inter-relações e conexões com suas realidades.

Ainda, se o estudante não tem acesso a livros e a outros bens culturais, a escola pode (e deve) proporcionar a ele esse encontro. Não é porque o estudante é oriundo de famílias pobres ou distantes dos grandes centros promotores de cultura que não terá acesso a bens culturais que vão além dos de seu domínio. Antônio Candido discute essa questão quando menciona que

A luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 2017, p. 193).

A escola é o lugar onde se pode oportunizar o amplo contato com os diferentes textos, leituras e artes. É neste espaço democrático que a fruição da arte e da literatura deve ter espaço e ser fomentada diariamente. Mas, por que isso não acontece? O que impossibilita essa aproximação?

Segundo Calvino (1993), a aproximação entre livros e leitores de diferentes tempos faz com que se percebam as transformações sociais e internas de cada um; diz ele que

Deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permanecem os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo (CALVINO, 1993, p. 11).

Assim, retornamos à discussão de que as obras que lemos têm um significado diferente para cada leitor, dependendo da sua visão de mundo, da sociedade em que o leitor está inserido, das leituras anteriores etc. Ao encontro dessa ideia, estão os estudos de Soares (2006) quando a

autora fala sobre o texto literário ser trabalhado em sua totalidade e não apenas fragmentos, despertando assim a curiosidade naquele que o lê.

É importante destacar ainda que, segundo a BNCC (2018, p. 156), a literatura “cria um universo que nos permite aumentar a nossa capacidade de ver e sentir” o que, de certo modo, ajuda a ampliar a nossa visão de mundo; ajuda o leitor a expandir seus horizontes. Não é somente ler por ler, é ler para ser e para ter.

Por esses motivos, e por tantos outros, é que se defende aqui a utilização de clássicos na escola. Dessa forma, os alunos podem ter contato com esse tipo de leitura, pois o que se pode perceber, pelas respostas dos discentes, é que quem proporcionou a eles essa leitura, de certa forma, foi o professor – a escola. Ademais, talvez se esses mesmos alunos não tivessem tido contato com essas obras naquele momento, não tivessem uma próxima oportunidade de conhecê-las.

#### 4.1.2 Machado de Assis sob o olhar dos professores

Segundo Jorge Larrosa (2011), a leitura é uma experiência, é aquilo que nos passa, que nos modifica, é a possibilidade de modificar e transformar a nós mesmos. Ao refletir a esse respeito, pensamos também em como esse leitor pode chegar até as suas leituras, de que modo os textos chegam até ele, o que despertou nele a vontade ou a curiosidade de ler o que se está lendo? Algo ou alguém provocou nesse leitor a procura por tal leitura, algo o motivou a procurar tal autor?

É muito comum que a motivação para a leitura parta de alguma conversa ou troca de ideias com outra pessoa. Pensando em um ambiente escolar, quem melhor do que um professor para mediar esse contato entre leitor e obra, correto? O professor, enquanto mediador, pode aguçar a curiosidade do leitor em relação à leitura proposta, pode ajudar a desvendar as entrelinhas do texto, a linguagem diferente e, principalmente, facilitar o contato do aluno com textos que, fora do âmbito escolar, talvez fosse mais difícil esse aluno acessar.

No que diz respeito aos professores entrevistados, este trabalho teve a participação de doze profissionais das Letras. Destes, apenas 3 informaram que nunca tinham trabalhado escritos de Machado de Assis com seus alunos. Os demais participantes trabalharam de alguma forma pelo

menos uma das obras do autor em suas aulas e disseram o motivo que os levou a essa escolha para a leitura escolar. Uma das respostas que julgo ser bastante pertinente para a discussão que este trabalho se propõe a fazer é a da professora “Aurora Sem Dia” que, quando questionada sobre a proposição ou não das obras de Machado de Assis em suas aulas, diz que

Sim! Considero Machado uma grande oportunidade para a ampliação da formação leitora de nossos estudantes, pois possibilita a ampliação da compreensão leitora, a reflexão sobre aspectos da natureza humana, valores morais, éticos, questões que transcendem seu tempo e espaço. Ler Machado, assim como toda boa literatura, é um convite para a humanização (AURORA SEM DIA).

A afirmação da professora “Aurora Sem Dia” vai ao encontro do que afirma Antônio Candido quando diz que “toda obra literária é, antes de mais nada, uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção” (2011, p.179). A professora entrevistada percebe, então, que é por meio da leitura de textos literários que muitos alunos poderão recriar a realidade em que vivem e, dessa forma, interferir nela a fim de transformá-la de acordo com suas crenças e necessidades. Eis o poder mágico da palavra que forma, deforma e transforma, como nos ensina Larrosa (2011).

Já a pergunta seguinte, destinava-se aos professores que utilizaram as obras de Machado de Assis em aula. Nosso questionamento foi acerca de quais obras foram utilizadas e qual foi a proposta de trabalho com a obra escolhida. De todos que utilizaram obras do autor, foi unânime a escolha de contos para a leitura com os adolescentes. O que destacamos dentre as respostas é o fato de um dos professores ter usado um método um pouco diferente para a escolha do texto que a turma iria ler. Segue a resposta do participante “Frei Simão”

A proposta era a escolha de um autor para análise de conto e apresentação para o restante da turma. Entre vários autores, foi sugerido Machado de Assis. E os alunos o escolheram. Daí solicitaram indicação de contos. Eu encaminhei os alunos para sala de informática e eles, pesquisando sobre as sinopses das histórias, acharam interessante “O espelho”. Então realizaram o trabalho (FREI SIMÃO).

A resposta do professor participante, aqui nomeado de “Frei Simão”, mostra a importância de deixar que os alunos realmente tenham o poder de escolher o que gostariam de ler, e isso só é

possível fazendo o que os alunos realmente fizeram, ou seja, pesquisaram, leram sinopses. É importante que antes da escolha eles tenham um norte, que foi justamente o que foi feito pelo professor, quando informou que seriam trabalhados contos. Assim, dentro desse parâmetro estabelecido, eles puderam se debruçar sobre quais autores gostariam de ler e quais obras a leitura seria interessante.

Um dos pontos que um dos participantes da entrevista apontou foi a falta de tempo para planejar com maior cuidado e dedicação as atividades de mediação de leitura com um clássico como Machado de Assis. Isso ocorre porque a escrita machadiana requer atenção, cuidado aos detalhes, às descrições e, principalmente, exige pensar sobre como é possível atualizar a obra a fim de atrair os leitores de hoje. Assim, destacamos o depoimento do participante “D. Benedita”:

Trabalhei com obras machadianas em diferentes contextos. Em classes noturnas de 2º ano do Ensino Médio, optei pela leitura de contos, como “A Cartomante” e “Pai contra Mãe”. Nessas turmas, eu possuía apenas um período semanal de Literatura e não foi possível estabelecer parcerias interdisciplinares. Em turmas diurnas de 2º e 3º anos, em que eu lecionava Português e Literatura, foi possível explorar, além dos contos, o romance “Dom Casmurro”. Embora compreenda que a maior parte da crítica literária classifique “Memórias Póstumas de Brás Cubas” como o melhor romance, a meu ver, “Dom Casmurro” é o que mais seduz os jovens leitores, pela identificação com a temática amorosa e pela incógnita que propõe (D. BENEDITA).

O comentário destacado da participante “D. Benedita” toca em um ponto bem importante de toda a nossa temática, o tempo destinado à leitura e às aulas de Literatura. É sabido que em muitas instituições de ensino, as aulas de Literatura se fundem com as aulas de Língua Portuguesa e que, geralmente, à Literatura são relegados 1 ou no máximo 2 períodos por semana, o que muitas vezes acaba dificultando o trabalho do professor em relação à leitura dos textos literários, ainda mais quando se trata de Machado de Assis. Uma leitura como a de clássicos requer um certo tempo, tanto para efetivamente ler quanto para se trabalhar com o texto lido, pois a linguagem é diferente, a época da obra é outra e por essas razões é que se faz necessário pensar em estratégias que possam tornar a leitura mais acessível aos alunos. Por conta disso, é preciso estabelecer pontes de acesso entre os estudantes e o clássico para que este faça sentido em seus mundos e em suas realidades.

O que se pode perceber com o que descobrimos até aqui é que há professores que pesquisam e tentam identificar qual o tipo de obra machadiana atrairia a atenção de seus alunos. Dessa forma, criam possibilidades de apresentar o clássico aos estudantes de forma leve, envolvente e carregada de sentido.

A última pergunta da pesquisa feita aos professores foi acerca da recepção dos alunos em relação à obra trabalhada; se a proposta foi bem aceita, se os alunos gostaram e se tiveram algum tipo de dificuldade em relação à obra. Essa pergunta surgiu justamente porque um dos pontos que mais se destacam na escrita de Machado de Assis é a linguagem utilizada. Dono de um estilo muito particular, carregado de sarcasmo e ironias, o Bruxo do Cosme Velho tanto assusta quanto atrai leitores de todos os tempos. Em vista disso, o que o mediador precisa é estabelecer elos de contato entre o ontem e o hoje, entre o velho e o novo, entre a linguagem metafórica, descritiva, irônica e envolvente de Machado de Assis e os jovens da era da velocidade e da pós-modernidade. Precisa, também, direcionar os jovens leitores à trilha do encantamento pela mágica narrativa machadiana, como aponta a descrição do entrevistado “Frei Simão”, que diz

Antes de eles iniciarem a leitura, conversamos sobre a linguagem formal e a importância do esforço para a compreensão do texto. Também sugeri sites de apoio para eles construírem sua análise. Mesmo assim, eles sentiram dificuldade em vários momentos do texto, mas fomos construindo a compreensão do texto em aula e com a pesquisa dos alunos nos sites indicados. Mesmo diante das dificuldades, eles acharam interessante a reflexão da alma humana, o que gerou grandes discussões em aula (FREI SIMÃO).

O fato da linguagem de Machado de Assis ser diferente e mais formal do que a comumente utilizada pelos alunos não deve ser um fator impeditivo para que as obras sejam trabalhadas em sala de aula. Pelo contrário, deve ser um dos pontos a serem trabalhados e desenvolvidos com os alunos. Pode ser uma oportunidade para ampliar vocabulário e conhecimento, uma oportunidade principalmente para aqueles alunos que, fora do âmbito escolar, talvez não tivessem acesso a esse tipo de leitura. Antônio Candido (2017) traz à luz o que já se sabe há muito tempo, que a literatura erudita, nesse caso aqui os clássicos, grande parte das vezes não chega em todas as esferas da sociedade, acaba sendo um privilégio das classes mais abastadas.

Então, o fator linguagem não deve ser considerado um ponto negativo, já que isso pode acabar surpreendendo de forma positiva. Conforme o relato do professor participante “Aurora Sem Dia”

Em sua grande maioria, gostam da leitura e geralmente se surpreendem com a qualidade da escrita machadiana. Essa sensação de surpresa é perceptível no momento de análise do texto, momento em que eles relatam não terem “percebido” detalhes do texto, linguagem irônica do autor (o que realmente demanda uma bagagem leitora considerável, especialmente para alguns textos – isto é imprescindível de se considerar quando se tratam de alunos do Ensino Médio – é preciso pegar pela mão e conduzir a leitura...) (AURORA SEM DIA).

Essa condução que menciona “Aurora Sem Dia” é fundamental para a aproximação entre jovens leitores e Machado de Assis. Sem a mediação séria e oportuna do professor, talvez o aluno fique à margem do texto, sem poder participar da elegância eloquência que é o texto machadiano. Por não compreender ou sentir-se excluído do texto, muitos são os casos em que o estudante abandona e não quer mais regressar a ele. O que se nota aqui é a mediação correta, paciente e afetuosa do professor que permite o encontro entre leitor-texto-autor.

Portanto, também indo ao encontro dessa discussão, faz-se necessário trazer presente um trecho que corrobora com grande parte do que já foi exposto neste trabalho e que Soares (2006) critica fortemente: o fato de se trabalhar apenas fragmentos, trechos de textos literários. Quando isso acontece, o texto fragmentado e perde o sentido, fazendo com que os alunos não consigam entender o contexto em que os acontecimentos ocorrem. Nesse sentido, a resposta sobre a participação/envolvimento dos estudantes nas leituras machadianas, dada pelo participante “O Anel de Polícrates”, é fundamental. Diz ele que

Eles ficaram bastante confusos com o trecho. Muitos interpretaram olhos de ressaca como se a personagem estivesse bêbada da noite anterior. Ao falar da obra como um todo, alguns alunos se interessaram, especialmente pelo debate “Capitu traiu ou não Bentinho?”. Acredito que tenham lembrado a respeito de nossa conversa no ano posterior, quando leram Dom Casmurro com outro professor, pois muitas vezes vinham até mim com referências da obra. Eu gostei de trabalhar com o trecho, mas tenho certeza de que trazer a obra completa traria muitos debates gratificantes, ainda que nem todos os estudantes fossem ler a obra (bastante comum de acontecer) (O ANEL DE POLÍCRATES).

Diante disso, fica evidente a necessidade de se trabalhar a obra completa, mostrar o contexto, para que não haja espaço para essa falta de compreensão por não saber ou não entender como a narrativa começou, o porquê culminou de tal forma. Se a obra for muito extensa para o tempo disponível, pode-se então avaliar o uso de uma obra um pouco menor, que se encaixe dentro do cronograma. Ou seja, é de suma importância que o texto seja trabalhado na íntegra e que os alunos tenham a possibilidade de ter contato com os clássicos.

O que se pode perceber a partir das respostas dos professores é que é muito válido trabalhar os clássicos com os alunos, pois eles promovem debates e reflexões acerca de temas em destaque na sociedade atual, ainda que os textos tenham sido escritos em um momento diferente e distante do atual. No entanto, para que se possa adentrar nos clássicos, é preciso preparar os alunos para o que será visto, de modo a esclarecer que se trata de uma linguagem diferente, um contexto diferente, uma sociedade que difere da atual.

## 5 Considerações finais

Em consonância com os escritos de Antonio Candido (2017) e de acordo com a experiência enquanto educadora, reforçamos que a literatura tem um papel transformador e humanizador. A leitura abre possibilidades aos leitores para reconhecerem-se através de livros, personagens e escritores e refletirem sobre a sua realidade. Permite o olhar para dentro de si a fim de transformarem pensamentos, sentimentos e emoções em ideias.

Foi por acreditar nessa força humanizadora e (trans)formadora da palavra literária que surgiu o desejo de pesquisar acerca do uso dos clássicos em sala de aula, principalmente, os textos de Machado de Assis, um dos mais importantes e temidos escritores brasileiros. Entendemos a importância da obra porque traduz a alma contraditória dos brasileiros em cada frase, uma vez que o escritor descreve o cotidiano dos grupos sociais com detalhes e precisão como nenhum outro, sem falar na carga irônica que não escapa de um só texto seu. Temido pelos professores porque suas escolhas, tanto temáticas quanto vocabulares, vão além do óbvio e seu estilo narrativo é incomum para a sua época criou-se o mito do “escritor difícil” e canônico. Assim, muitos professores e alunos preferem manter distância dele e de seus textos, o que é uma lástima!

Assim, saber como se dá a mediação dos textos machadianos em sala de aula e como é a recepção dessa literatura junto aos estudantes (se realmente isso ocorre) trouxe grandes descobertas e alegrias. A surpresa foi grande ao ler o retorno dos questionários *online*, tanto de alunos como de professores.

É preciso confessar que era esperado que a grande maioria dos alunos informassem que não gostava de ler, que não sentia curiosidade ou mesmo necessidade de ler obras clássicas. Contudo, o que constatamos foi que os estudantes, quando motivados tanto em casa como na escola, declaram ver a leitura como uma atividade importante e envolvente. No caso da leitura machadiana, então, o fato da maioria já ter mantido contato com o autor e não sentir repulsa por sua escrita, demonstra que houve mediação, aconteceu, de fato, a atualização do clássico de que nos fala Calvino (1993). Assim, foi extremamente gratificante poder comparar respostas com as teorias utilizadas no desenvolvimento desse trabalho, pois os dados coletados, de certa forma, complementavam o que já havíamos lido e estudado sobre o assunto proposto.

No caso dos professores, a pesquisa revela que a grande maioria não desanima com os obstáculos que o texto clássico impõe ao mediador de textos para jovens, ou seja, as barreiras de vocabulário difícil, de narrativa muito descritiva e não linear. Esses professores conduzem seus estudantes pelas entrelinhas machadianas em busca da compreensão e da identificação com o texto. Saber que professores se debruçam sobre obras machadianas para poder escolher o que mais atrairia a atenção de seus alunos, causou grande alegria, pois apenas confirmava a hipótese levantada, de que sim, é necessário trabalhar obras clássicas em sala de aula. Sabe-se que planejar esse tipo de aula dá trabalho aos professores, que precisam organizar tudo com um tempo bem curto; contudo, o que constatamos, então, é que mesmo assim o fazem na certeza de que ler tais textos ajudará os alunos não só no desenvolvimento da leitura, mas também na reflexão acerca da alma humana, da sua realidade, na busca de se tornarem pessoas melhores e mais humanizadas.

Perceber que a maioria dos alunos que participaram da pesquisa já conheciam alguma obra de Machado de Assis foi algo inesperado e muito bom. E foi mais surpreendente ainda saber que aqueles que não tiveram nenhum tipo de contato gostariam de, pelo menos, conhecer alguma das obras de Machado de Assis. No caso daqueles que já conheciam, observamos que isso havia sido oportunizado pela escola e, em raríssimas vezes, os textos foram utilizados com o intuito de

aprender gramática, ou de entender o que o autor quis dizer com isso ou aquilo, que são as abordagens que Magda Soares (2006) relata serem as mais utilizadas e menos eficazes, em se tratando de leitura de textos literários.

Para além da perspectiva de alunos e professores acerca do texto clássico, entra em destaque, também, o ambiente escolar, que foi onde quase todos os alunos tiveram contato com as obras machadianas. É a escola, ainda, o lugar para oportunizar que esses leitores tenham o primeiro contato com os clássicos, pois sabemos que a desigualdade social assola o país e que, por conta dessa desigualdade, as oportunidades não são as mesmas para todos. Justamente por isso, a escola deve ser o local onde esses alunos possam compartilhar experiências e serem apresentados aos clássicos.

Ficou muito claro, no compilado das respostas, o que dava e o que não dava certo ao se trabalhar com os clássicos. Fica evidente: para que os alunos consigam compreender a leitura que fizeram, é necessário que essa leitura não seja apenas de fragmentos da obra. Foi possível verificar também que os alunos conseguiram interagir mais e promover debates sobre a leitura quando tiveram auxílio em relação a linguagem utilizada nos textos de Machado de Assis. É perceptível, segundo alguns dos professores participantes, que nem todos os alunos possuíam uma bagagem leitora robusta o suficiente para conseguir compreender o sarcasmo contido nas palavras de Machado, mas que com a mediação, isso foi possível. Então, nesse caso, não existe um impeditivo real para trabalhar os clássicos na escola, basta arriscar-se.

Diante de todos esses fatos mencionados, das respostas obtidas de professores e alunos e das leituras das teorias, podemos afirmar que sim, é necessário que os clássicos da literatura sejam apresentados e utilizados em sala de aula, para proporcionar aos alunos não só a possibilidade de conhecer as obras, mas também de se conhecerem, de refletirem sobre a sua realidade e também sobre outras, distintas da sua, de se transformarem e transformarem as suas realidades através da leitura, pois somente oportunizando aos estudantes o conhecimento de diversas obras, de diferentes tipos de textos, de diversificados autores e temas é que poderemos contribuir para a formação de alunos leitores. A leitura não deve ser puramente pedagógica e com o intuito de alfabetizar e letrar, mas deve ser um portal que possa suspender momentaneamente

nossas vidas para que possamos viver outras e, assim, encontrar possibilidades de (trans)formação de realidades.

### Referências

ALVES, Izandra; OLIVEIRA, Natália Branchi de; MALDANER, Luana Paula. Os Pontos, os Fios a Nós: a Literatura como um Direito. *Revista Extensão & Sociedade*, Natal, v. 12, p. 134-149, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/24207/14324>. Acesso em: 30 jun. 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70 LDA, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. In: *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 8. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. Tradução de Maria Carmem Silveira Barbosa e Suzana Beatriz Fernandes. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v.19, n 2, p.04-27, jul./dez. 2011.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2013.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto. 2006.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, Maria de Nazareth. *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo editorial, 2000.

Data de submissão: 19/02/2023. Data de aprovação: 29/07/2023.